

que os níveis de renalase aumentaram e a pressão arterial se manteve dentro dos parâmetros fisiológicos. A pressão arterial sistólica de ratos hipertensos diminuiu após 30 segundos de uma injeção em bolus de renalase, que também diminuiu a contratilidade cardíaca e controlou a frequência cardíaca e a pressão no ventrículo esquerdo.

ERLIQUIOSE FELINA: RELATO DE CASO

NAGAHACHI, P.Y.¹; GONÇALVES, S.²; SANTOS, C.R.³; PEREIRA, M.A.⁴; LUCENA, H.C.¹; MENEZES, R.C.⁵; AGOPIAN, R.G.⁶

¹ Médica Veterinária Aprimorada da UNISA

² Professora Clínica Médica de Pequenos Animais da UNISA/HEMOVET

³ Professor de Patologia da UNISA

⁴ Médica Veterinária HOVET – UNISA

⁵ Médica Veterinária do Centro Veterinário Butantã

⁶ Professor da UNISA e diretor científico do Centro Veterinário Butantã

E-mail: pampiyuri@gmail.com

Introdução: O número de casos documentados de erliquiose felina vem aumentando no Brasil. A patogenia não está totalmente elucidada. Acredita-se que a transmissão da doença aconteça através de infecção natural por artrópodes ou ingestão de roedores infectados durante a caça. As manifestações clínicas mais comuns são febre, inapetência, perda de peso e letargia, dispneia, esplenomegalia, linfonodomegalia, descolamento de retina, petéquias e mucosas hipocoradas. As alterações laboratoriais mais comuns são anemia não regenerativa, leucopenia ou leucocitose, neutrofilia, linfocitose, monocitose, trombocitopenia e hiperglobulinemia. O diagnóstico definitivo é baseado na identificação da mórula no esfregaço sanguíneo (raro) e PCR para *Ehrlichia sp.* **Relato de caso:** Um felino, macho, SRD, dois anos, semidomiciliado, foi atendido apresentando prostração, hiporexia e hipertermia há um dia. Sem histórico de ixodidiose. Ao exame físico, apresentava apenas prostração. Solicitou-se hemograma, função renal e hepática, glicemia e ultrassom abdominal, constatando trombocitopenia moderada (120mil/mm³), hiperproteinemia (9,0 g/dL) e esplenomegalia. O animal não apresentava alterações na série vermelha ou leucocitária. Após esses resultados, solicitou-se uma PCR para *Ehrlichia sp.*, micoplasma, FIV e Felv, cujos resultados foram positivos para *Ehrlichia sp.* e negativos para os demais. O tratamento preconizado foi doxiciclina na dose de 10mg/Kg de peso, a cada 24 horas (VO), durante 30 dias. **Discussão:** Após sete dias, o animal apresentou melhora das manifestações clínicas e o hemograma do animal normalizou após 30 dias de tratamento (plaquetas:353mil/mm³). O caso relatado apresentava hipertermia, trombocitopenia, hiperproteinemia e esplenomegalia que são manifestações clínicas referidas nos casos documentados em literatura. O animal em questão era semidomiciliado o que pode justificar a possibilidade de ter adquirido o agente infeccioso por picada de carrapatos ou ingestão de roedores. O tratamento consiste na administração de tetraciclina, doxiciclina (10 mg/kg/SID/28 d) ou dipropionato de imidocarb. Neste caso, optou-se pelo tratamento com a doxiciclina por 30 dias, com remissão total do quadro clínico e hematológico. **Conclusão:** A erliquiose felina é uma hemoparasitose que deverá ser incluída no diagnóstico de doenças hematológicas, principalmente em gatos semidomiciliados e errantes.

DETECÇÃO MOLECULAR DE RANGELIAVITALII EM 35 CÃES, ACHADOS CLÍNICOS E HEMATOLÓGICOS

SOARES, J.F.^{1,2}; CORRÊA, S.V.M.¹; DALMOLIN, M.L.²; SILVA, N.Q.B.¹; MOROZ, L.R.¹; FRANÇA, R.T.³; HLAVAC, N.R.C.²; PELISSARI, M.H.S.¹; FRANCHINI, M.L.¹; MIYASHIRO, S.¹; LOPES, S.T.A.³; LACERDA, L.A.²; VALLE, S.F.²; HAGIWARA, M.K.¹; LABRUNA, M.B.¹

¹ Faculdade de Medicina Veterinária e Zootécnica da Universidade de São Paulo

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³ Universidade Federal de Santa Maria

E-mail: jfsvet@gmail.com

Introdução: O piroplasma *Rangeliavitalii* é uma “nova velha” espécie de hemoparasitas de grande patogenicidade para cães. Velha porque foi descrita entre 1910 e 1914. Nova porque entre 1926 e 1939 foi, erroneamente, considerada sinonímia de *Babesia canis*, sendo a espécie revalidada somente em 2011, por meio de técnicas moleculares. Este trabalho visa compilar os achados clínicos e hematológicos de 35 casos de infecção natural por *Rangeliavitalii*, confirmados por PCR. **Método:** Amostras de sangue de cães suspeitos de hemoparasitose, oriundas de quatro Estados brasileiros, tiveram o DNA extraído e submetido a Real Time PCR espécie específico para *Rangeliavitalii*. Pacientes cujas amostras resultaram positivas tiveram tabulados os dados de anamnese, exame físico e análise hematológica fornecidos pelos remetentes das amostras.

Resultados: Das 35 amostras, 22 eram oriundas do Rio Grande do Sul, 10 de São Paulo, 2 de Minas Gerais e 1 de Santa Catarina. Os casos tiveram distribuição semelhante por gênero, sem padrão racial, afetando animais de 4 meses a 11 anos. Dados de anamnese e exame físico apontam apatia (100%), anorexia (100%), palidez de mucosas (86,7%), febre (76,7%), esplenomegalia (63,6%), diarreia sanguinolenta (55,1%), icterícia (51,7%) e desidratação (50%). Entre as alterações hematológicas, as mais frequentes foram trombocitopenia (100%) e redução do hematócrito (93,5%), da concentração de hemoglobina (90%) e da contagem de eritrócitos (83%). O leucograma foi variável entre os indivíduos, sem padrão. Por fim, considerando a origem dos animais, 76,9% vinham de regiões rurais ou periurbanas e 85,2% possuíam histórico de contato conhecido e recente com carrapatos. A letalidade foi de 33%. **Discussão:** Com achados clínicos inespecíficos, o diagnóstico da rangelirose, na ausência da disponibilidade de exame molecular, exige o cruzamento das informações obtidas na anamnese e no exame físico com os resultados hematológicos e a epidemiologia da doença. Nesse sentido, a trombocitopenia e o histórico de contato com carrapatos ou de domicílio em área rural devem chamar a atenção do examinador. **Conclusão:** Os resultados indicam que a rangelirose circula entre a população canina das regiões Sul e Sudeste do Brasil, em especial nos biomas Mata Atlântica e Campos Sulinos, o que coincide com a distribuição do possível vetor, o carrapato *Amblyomma aureolatum*.

LEVANTAMENTO EPIDEMIOLÓGICO DE CARCINOMA EPIDERMÓIDE EM GATOS NA CLÍNICA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE SEVERINO SOMBRA, NO PERÍODO DE 2010 A 2014

MACHADO, M.A.¹; CARVALHO, F.C.G.¹; ELIAS, A.S.N.T.¹

¹ Universidade Severino Sombra, RJ

E-mail: alves.marilia@hotmail.com

O carcinoma epidermoide é uma neoplasia maligna, invasiva proveniente dos queratinócitos, que está relacionada com fatores carcinogênicos, principalmente a radiação solar. Os animais mais predispostos são os de pelagem clara e idosos.

O presente trabalho objetivou relatar a ocorrência de carcinoma epidermoide em gatos na clínica veterinária da USS, no período de janeiro de 2010 a janeiro de 2014. Foram analisadas 229 fichas, observando-se dados como idade, pelagem, sexo e raça. Gatos despigmentados (22,2%), idosos (44,4%), machos (55,5%), SRD (100%) e lesões em aurícula (100%). No entanto, ao cruzar dados de todos os animais atendidos no período citado, observou-se que somente a faixa etária apresentou-se estatisticamente diferente ($p > 0,05$). Dentre os nove casos positivos, pode-se concluir que o aparecimento da neoplasia está diretamente relacionado à exposição aos fatores de risco existentes.

Palavras-chave: Carcinoma, epidermoide, ocorrência.

AVALIAÇÃO CARDIOLÓGICA DE GATOS DA RAÇA PERSA COM DOENÇA RENAL POLICÍSTICA AUTOSSÔMICA DOMINANTE

GUERRA, J.M.¹; CARDOSO, N.C.²; DANIEL, A.G.T.³; PELLEGRINO A.²; LARSSON, M.H.M.A.²; ONUCHIC, L.F.⁴; COGLIATI, B.²

¹ Núcleo de Patologia Quantitativa – IAL

² Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia – USP

³ Gattos – Clínica Especializada em Medicina Felina

⁴ Faculdade de Medicina – USP

E-mail: jumariotti.vet@gmail.com

Introdução: A doença renal policística autossômica dominante (ADPKD) felina é caracterizada pela presença de múltiplos cistos em parênquima renal e, ocasionalmente, hepático e pancreático. É a enfermidade congênita mais prevalente nos gatos da raça Persa, apresentando curso clínico muito semelhante à ADPKD humana. No homem, a doença cursa com manifestações cardíacas, como hipertensão, hipertrofia ventricular, valvulopatias e aneurismas. Porém, em felinos, há escassos relatos de anormalidades cardíacas em indivíduos com ADPKD. **Métodos:** Uma coorte de 29 gatos da raça Persa foi separada em dois grupos de acordo com a presença (n=9; GI) ou ausência (n=20; GII) de alterações ultrassonográficas e teste genético positivo para ADPKD. Os animais foram avaliados por exame clínico, laboratorial, ecocardiográfico, eletrocardiográfico e mensuração da pressão arterial. **Resultados e discussão:** Não foram observadas diferenças quanto à frequência cardíaca, faixa etária, distribuição sexual e parâmetros eletrocardiográficos entre os grupos. Os valores de ureia, creatinina e T4 total não diferiram entre os grupos. A média da pressão arterial sistólica foi de $138,00 \pm 14,87$ mmHg nos gatos com ADPKD e de $143,14 \pm 24,66$ mmHg nos gatos do GII, sem diferenças entre ambos. No ecocardiograma, não houve diferença em relação à função diastólica, ao aspecto e movimentação dos folhetos valvares, bem quanto aos fluxos valvares. A proporção de hipertrofia miocárdica foi estatisticamente maior nos animais com ADPKD ($p=0,031$) através do teste exato de Fisher. Humanos com ADPKD podem desenvolver hipertensão e hipertrofia ventricular pela ativação do SRAA. No entanto, em alguns casos, a hipertrofia também é observada em indivíduos normotensos e com função renal preservada, sendo a etiologia não completamente elucidada nesses casos. Em gatos, não há estudos avaliando alterações cardiovasculares na ADPKD, porém, em Persas, a cardiomiopatia hipertrófica (CMH) também é uma afecção prevalente na raça e possui componente genético familiar, havendo necessidade de diagnóstico diferencial. **Conclusões:** Gatos da raça Persa com ADPKD apresentam maior prevalência de hipertrofia miocárdica septal, sendo necessários mais estudos para avaliar a relação causal entre os achados. Dessa forma, a realização de exames eletro e ecocardiográficos em felinos diagnosticados com doença policística é essencial.

NEOPLASIA MAMÁRIA EM CADELAS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

LODOVICH, J.¹; ZOPPA, M.A.²

¹ Faculdades Metropolitanas Unidas, Graduando

² Faculdades Metropolitanas Unidas, Orientadora

E-mail: julianalodovichi@hotmail.com

Introdução: O tumor mamário é o mais comum em cadelas. Aproximadamente 50% dos tumores mamários caninos são malignos. Os animais mais acometidos são os idosos na faixa dos 10 anos de idade, fêmeas inteiras ou castradas tardiamente. Outros fatores que contribuem para o desenvolvimento de neoplasias são hormônios, como o estrógeno e a progesterona. **Revisão de literatura:** Os tumores benignos são classificados histologicamente como adenomas simples, adenomas complexos ou tumores mesenquimais benignos. Também usado para tumores benignos mistos é o termo fibroadenoma. A classificação adotada pelo consenso de diagnóstico, prognóstico e tratamento de neoplasia mamária canina é: carcinomas *in situ*, carcinomas em tumores mistos, carcinoma complexo, carcinoma papilífero, carcinoma tubular e carcinoma sólido. Já os sarcomas são classificados como fibrossarcoma, osteossarcoma, carcinossarcoma e sarcomas de tumores mistos. A excisão é o tratamento de escolha para todas as neoplasias mamárias, exceto os carcinomas inflamatórios, que são extremamente agressivos. Existem, ainda, a lumpectomia ou nodulectomia, a mastectomia ou mamectomia, a mastectomia regionale e a mastectomia radical, unilateral ou bilateral. A quimioterapia é indicada para prolongar a sobrevida do paciente após a realização do tratamento cirúrgico, atuando principalmente no controle das recidivas ou na progressão das micrometástases. O risco de tumores mamários em cadelas castradas antes do primeiro ciclo estral é de 0,05%, após o primeiro estro, o risco aumenta para 8% e para 26% após o segundo estro. Sistemas de estadiamento, comportamento tumoral e estadiamento tumoral são usados para carcinomas mamários em cães e gatos. Ele é importante para estabelecer prognóstico e o planejamento do tratamento. A imuno-histoquímica pode permitir ao patologista confirmar um diagnóstico histológico e determinar a célula de origem de uma neoplasia pouco diferenciada, auxiliando na determinação do prognóstico e da sobrevida dos pacientes. **Considerações finais:** O tratamento cirúrgico nos tumores malignos é o tratamento de escolha, mas não é o suficiente. O reconhecimento das células iniciadoras de tumor com marcadores tumorais possibilitará entender melhor outros aspectos da carcinogênese tumoral e, assim, elaborar terapias mais eficazes e direcionadas para cada paciente.

AGENESIA SACROCOCCÍGEA, VÉRTEBRA "EM BLOCO" E ATRESIA ANAL: RELATO DE CASO

BURNIER, J.J.P.¹; WOLF, M.¹; DALL'OLIO, A.J.²

¹ Médica Veterinária Residente do HEV-FAJ

² Médico Veterinário Supervisor da Clínica Médica de Pequenos animais HEV-FAJ

E-mail: julia_burnier89@hotmail.com

Introdução: A agenesia sacrococcígea está relacionada a um conjunto de anormalidades estruturais ósseas e de tecidos moles da região lombosacral e coccígea da coluna vertebral de diversas espécies, entre elas cães e gatos. Os sinais clínicos irão depender do grau de acometimento da coluna vertebral, da medula espinhal e da cauda equina. O animal poderá apresentar déficits de neurônio inferior em membros posteriores e viscerais (devido ao comprometimento ou à "ausência" de formação dos nervos pélvicos, pudendos,